

dossiê raça, gênero e sexualidade: direitos e lutas sociais

A experiência trans: uma disputa semântica nas mídias digitais

The trans experience: a semantic dispute in digital media

Luiz Augusto Mugnai Vieira Junior ¹

¹ Universidade Paranaense – UNIPAR. Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: gutomugnai@prof.unipar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8525-0230>.

Submetido em 20/06/2021. Aceito em 26/07/2021.

insurgência

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, v. 7, n. 2, 2021
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons 4.0.
Este trabajo es licenciada bajo una Licencia Creative Commons 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

A experiência trans: uma disputa semântica nas mídias digitais



Resumo: Longe de um acordo geral entre a academia, a militância e as próprias vivências das pessoas trans, as experiências de gêneros se mostram de maneiras tensas e de negociações quanto à sua discussão de como identificá-las e nomeá-las. Denominações como transgênero, travesti e transexual revelam deslocamentos do sistema binário de gênero e nem por isso podem ser definidas como sinônimas e homogêneas. O advento das mídias digitais trouxe visibilidade da experiência trans e conseqüentemente novos conceitos como a palavra transgênero ganharam força no on-line o que possibilitou discutir se definir é uma forma de organizar politicamente ou de limitar a realidade? Os dados levantados no Portal Globo.com e na rede social Facebook demonstram que há uma disputa semântica conceitual da experiência trans quanto à legitimação das identidades trans.

Palavras-chave: Transgênero; Travesti; Transexual; Pessoa trans; Mídias digitais

Abstract: Far from a general agreement between academia, militancy and the experiences of trans people themselves, gender experiences are shown in tense ways and negotiations regarding their discussion of how to identify and name them. Denominations such as transgender, transvestite and transsexual reveal displacements of the binary gender system and cannot therefore be defined as synonymous and homogeneous. The advent of digital media brought visibility to the trans experience and consequently new concepts such as the word transgender gained strength online, which made it possible to discuss whether defining is a way of politically organizing or limiting reality? The data collected on Portal Globo.com and on the social network Facebook demonstrate that there is a conceptual semantic dispute of the trans experience regarding the legitimacy of trans identities.

Keywords: Transgender; Transvestite; Transsexual; Trans person; Digital media.

I Introdução

O presente artigo consiste em um recorte dos dados de minha pesquisa de doutorado intitulada “Quantas curtidas merece essa trans?”: a recepção da transexualidade nas mídias digitais. Os pressupostos teórico-metodológicos partiram de uma investigação antropológica imersiva oculta em ambientes on-line¹ valendo se

¹ A imersão on-line foi oculta, isso quer dizer que houve uma observação sem interação com os sujeitos pesquisados. O pesquisador agiu de forma silenciosa ou de forma lurking, “ficando à espreita” (AMARAL, 2006). Realizada entre os anos de 2015-2018 a pesquisa

dos estudos de gênero e sexualidade que dialogam com vertentes pós-estruturalistas. Dessa forma, observou-se ao longo dessa pesquisa de imersão on-line e objetivo deste texto apresentar a disputa semântica que envolve os conceitos de transexual, travesti e transgênero tal como uma discussão sobre a categoria de transgênero que tem emergido, frequentemente, nas mídias digitais e se mostra como uma das contribuições desse estudo.

Atenta às limitações conceituais, a transexualidade é uma questão de identidade de gênero marcada por conflitos com as normas de gênero, segundo Tatiana Lionço (2008). Isto é, o gênero com qual a pessoa se sente, reconhece ser, deseja ser vista e tratada com o que ela se identifica difere do informado pelo seu sexo genital. Uma vez que gênero e sexualidade apesar de estarem entrelaçadas são dimensões distintas, revela que é possível ser transexual heterossexual, transexual homossexual, transexual bissexual entre outras pluralidades da sexualidade.²

Longe de um acordo geral entre a academia e a militância, as experiências de gêneros se mostram de maneiras tensas e de negociações quanto à sua discussão de como identificá-las e nomeá-las. Denominações como transgênero, travesti e transexual revelam deslocamentos do sistema binário de gênero³ e nem por isso podem ser definidas como sinônimas e homogêneas. De acordo com Lionço (2008) o termo transgênero abrangia todas as expressões de trânsito entre os gêneros: travestis, transexuais, *drag queens*, *drag kings*, *cross-dressers*, transformistas, e partindo de que ser

analisou os discursos sobre transexualidade de aproximadamente 20.000 comentários feitos por leitoras/es do Portal *Globo.com* e de dois grupos compostos por pessoas que se identificam (grupo *Transgente*) e não se identificam (*Hetero/orgulho*) com as transexuais alojados no *Facebook*. Vale destacar que o grupo *Hetero/orgulho* teve o seu nome modificado por questões éticas.

- ² Ainda, um homem não deixará de pertencer ao gênero masculino por ser homossexual, assim como uma mulher não deixará de ser feminina sendo lésbica. Até mesmo porque como ancora Butler (2003) o masculino e o feminino são dimensões dinâmicas e contingentes, isso quer dizer podem ser vivenciadas de diferentes formas tanto para as pessoas homossexuais como para as pessoas heterossexuais da mesma forma para as pessoas cisgêneras (quando a identidade de gênero delas está em consonância com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer) e as pessoas transgêneras.
- ³ De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p.28) o sistema binário de gênero advém de uma “crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos “sexos” (gêneros) feminino e masculino.”

transgênero é transitar, de alguma forma, de um gênero ao outro; não atendia as peculiaridades de cada expressão identitária. As pessoas que reivindicavam o reconhecimento de gênero identificado, no caso as transexuais, não se reconheciam nesta terminologia, pois a ideia de estar em trânsito entre os gêneros era discordante com a certeza de identificação do gênero que tinham em discrepância com o sexo delas.⁴ Já, as travestis, inicialmente, por verem a palavra travesti carregada de maneira pejorativa e alvo de preconceitos veem uma alternativa o termo transgênero, visando diminuir a sua estigmatização na sociedade. Entretanto logo, resgatam e assumem a posição identitária de travesti que considera mais apropriada a sua condição. Com efeito, os transgêneros não tendo uma marcação de gênero fixa como as pessoas transexuais, são indivíduos que se apresentam, às vezes, de uma forma mais masculina e, outras vezes, mais feminina e vice-versa e que efetivamente estão em trânsito entre os gêneros.⁵

2 A palavra transgênero: uma disputa semântica

Como vimos acima, Tatiana Lionço (2008) trouxe o debate dessas conceituações em 2008 e de lá para cá, foram mais de 10 anos. Fixar uma definição é um tanto complicado. Muitos estudos científicos foram produzidos, muitas pesquisas na área foram realizadas. A teoria *Queer* (vertente pós-estruturalista de estudos de gênero contra o “normal” ou normatizador) avançou e tem sido consolidada nos

⁴ Roberta Close ilustra numa matéria a disputa terminológica dos termos sobre gênero e sexualidade. Na reportagem “Roberta Close afirma que é mulher, casada e feliz” (GLOBO, 2008, s.p) ela diz: “Sou mulher e não tenho porque ficar pensando nisso. Não entendo isso, pra mim isso não existe. Até porque transexual é aquela pessoa que está com sua sexualidade em trânsito, né?! E eu sei o que eu quero da minha vida, não estou em trânsito nenhum.”

⁵ Será mesmo que transexuais têm marca de gênero fixa? O que dizer das pessoas que estão destransicionando? A discussão sobre o processo de destransicionar (reconduzir o processo de generização para aquele assiganado ao nascimento) tem emergido tanto academicamente como, por exemplo, na dissertação *Uma noção de pessoa trans não-binária* de Alisson Gebrim Krasota como em grupos no Facebook como, por exemplo, *Destransicionando* (link: <https://www.facebook.com/destransicionando/>) e *Transevidência Não-Binária* que foi o grupo de análise de Krasota (2015) que segundo o pesquisador se encontra secreto e somente os membros dele podem encontrá-lo no Facebook.

programas de graduação e pós-graduação pelo país. Os movimentos sociais que envolvem gênero e sexualidade ganharam mais força com as redes sociais. É preciso ficar atento que o campo conceitual desses vocabulários de gênero se produz todos os dias e novas palavras, termos, fenômenos vão aparecendo, um campo que se move muito e que se torna borbulhante, uma vez que, vai haver posições muitas vezes divergentes não somente pela acadêmica com os seus pesquisadores, mas também pelas militâncias e ainda pelas pessoas que vivenciam as transexualidades, travestilidades, transgeneridades entre outras formas de experiências trans.

Observa-se que os dados levantados e descritos nos fornecem que ao longo dos anos essas palavras como transgênero vão sendo inseridas como assuntos nas reportagens do Portal *Globo*, e vão sendo parte de uma frequência maior nele. É notado frequentemente que o termo transgênero é, muitas vezes, usado pelo Portal como sinônimo de transexual, outras vezes, em menores frequências, traz distinções entre eles.

Como foi exposto, a expressão (a palavra) transgênero foi se tornando mais frequente e ganhando força no veículo midiático *Globo.com*, inclusive, o uso ou não dela foi discussão em algumas postagens no grupo *Transgente*:

Ao adotar o termo TRANSGÊNERO, que é internacionalmente o T da sigla LGBT⁶, o STF dá lição de respeito, acolhimento e inclusão A TODAS AS TRANSIDENTIDADES⁷ e não apenas a uma ou duas que se julgam mais importantes e especiais do que as outras (LANZ, 2018, s.p).

A postagem citada acima do grupo faz referência ao reconhecimento a transgênero pelo Supremo Tribunal Federal – STF na possibilidade de alteração de registro civil sem mudança de sexo. Tanto por meio das suas postagens no grupo *Transgente* como nas suas produções científicas Leticia Lanz (2015) é uma das defensoras do termo transgênero como também o uso dele no sentido guarda chuva que consiste na inclusão e no abrigo das numerosas identidades de transgressão de

⁶ Sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros.

⁷ Transidentidades ou no singular transidentidade originária do francês *transidentité* é uma terminologia muito próxima de transgeneridade de certa forma o mesmo fenômeno de acordo com Lanz (2015).

gênero. Vale lembrar, que o termo se encontra em disputa conceitual e por ser uma das palavras que compõem o vocabulário de gênero que analisei nas mídias digitais, proponho trazer uma discussão sobre a categoria de transgênero, uma vez que estas como outras questões foram contribuições da pesquisa realizada. Em um artigo intitulado *Transgender: questionando gêneros* a historiadora e pesquisadora *queer* Elaine Borges Berutti (2002) parte da palavra transgressão para discutir o conceito de transgênero. Para a autora o conceito de transgressão visto como ato de rebeldia ou de oposição de valores hegemônicos e práticas dominantes ajudam no questionamento das normatizações rígidas desempenhadas pelos gêneros. Do mesmo modo Letícia Lanz (2015, p. 24) afirma que a “transgressão é a marca que distingue as pessoas transgêneras das demais pessoas na sociedade. As pessoas transgêneras são transgressoras da norma de gênero.”⁸ O sufixo trans como descreve Berutti (2002) possui uma tensão etimológica, uma vez que toma sentido de ir além da fronteira de gênero e cruzar a fronteira de gênero. Destaca-se que o sufixo “trans” além de poder ser associada a transgressão também pode sugerir o significado de transitar, transformar, transferir, transpor no sentido de retratar um período de transição de um sexo para outro em conformidade com ao gênero que a pessoa se identifica.

Ainda a autora salienta que na obra *Transgender*, o estudioso Jay Prosser (1997) afirma que o termo transgênero é mais adequado para indivíduos que rompem as fronteiras de gênero e não da sexualidade como o termo transexual pode sugerir. Vale por fim destacar que o antropólogo Sérgio Carrara (2013) afirma que palavra trans é usada, muitas vezes, para abreviar transexual como transgênero e também travesti. Segundo Letícia (2015) a maioria dos/as autores/as aceita que o termo transgênero tradução de *transgender* para o português apareceu pela primeira vez nos livros de autoajuda de Virginia Prince em meados dos anos setenta.⁹ Entretanto, alguns autores

⁸ Segundo Lanz (2015, p.338) transviado “de acordo com o Houaiss: 1) que ou o que se transviou; extraviado, perdido e 2) que ou aquele que não obedece aos padrões comportamentais vigentes”. E acrescenta, que *viado* “o termo pode ter se originado da redução da palavra –transviado (que ou aquele que se transviou), de uso comum no Brasil, na década de 1950, para designar o jovem transgressor de costumes.” (LANZ, 2015, p.341)

⁹ De acordo com Letícia Lanz, em seu blog, esses pioneiros livros de autoajuda tinham como título “O Travesti e Sua Esposa e Como Ser Uma Mulher Sendo Homem” (*The Transvestite and His Wife* e *How To Be a Woman though Male*).

afirmam que “o termo “transgênero” foi utilizado pela primeira vez em 1965, por John Oliven, no seu livro *Sexual Hygiene and Pathology* como descreve Joana Rita Vieira Guerra (2017) em sua pesquisa de mestrado da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria em Portugal. De acordo com a autora o termo era usado como sinônimo de transexualidade, ou, nas palavras dos autores da época transexualismo¹⁰. Contudo, como Jay Prosser (1997) e John Oliven (1965) “achou imprópria a partícula “sexualidade” na palavra: era, na realidade, uma questão de gênero, e não de sexualidade” (GUERRA, 2017, p.10). Já, o termo “transexual” de acordo com Berenice Bento (2006) foi introduzido em 1949 por David Oliver Cauldwell e foi popularizado em 1966 por Harry Benjamin como falado na introdução. Nota-se que muito próximo de quando o termo “transgênero” foi cunhado, a expressão transexual começou a ser usada pelo público. É importante reparar que assim como a/o transexual está para o fenômeno transexualidade, a/o transgênero está para a transgeneridade. Ainda, da mesma maneira que a palavra transexual é dita, muitas vezes, como sinônima de transgênero e vice-versa, a transexualidade também é dada como sinônimo de transgeneridade e vice e versa.

Segundo Jorge Leite Júnior (2008) o termo “travesti” apareceu pela primeira vez em 1910 no livro *Die Transvestiten* com o título em inglês *Transvestites – the erotic drive to cross-dress* do autor Magnus Hirschfeld, médico e psicólogo alemão, um dos percursores da sexologia. De acordo com o pesquisador na obra o autor alemão usa também de maneira pioneira o termo “travestismo” descrevendo-o como desejo sexual no uso de roupa do sexo oposto. Entretanto, diferente do sentido de motivações eróticas que Hirschfeld traz ao termo travesti, de acordo com Leite Júnior (2008) a palavra travesti de origem francesa aparece pela primeira vez em 1543, mas com significado de se disfarçar. Além disso, é destacado na obra de Hirschfeld que a

¹⁰ Segundo Lanz (2014) as condutas e práticas clínicas no tratamento da transexualidade foram, durante uma época, conhecidas como transexualismo; hoje tem se evitado o uso da expressão, uma vez que, reforça a patologização da identidade de gênero das pessoas trans, o que acarreta mais ainda o preconceito e a discriminação delas.

palavra “travesti” (*transvestite*) “vem dos termos em latim *trans*, que significa através e *vestitus*, com o sentido de estar vestido” (LEITE JUNIOR, 2008, p.101).¹¹

Ainda, Leite Júnior (2008) mostra que a palavra travesti vai aparecer em 1962 na Inglaterra para explicar o uso de roupas de homens por mulheres como relatado no texto “*Mulheres que se faziam passar por homens*”: um estudo da fronteira entre os gêneros no século XVIII de Lynne Friedli. Já, o dicionário *Houaiss* de acordo com o pesquisador mostra que a palavra travesti aparece em 1831 para denominar homem vestido de mulher ou vice-versa. Observa-se desse modo que a categoria travesti é mais antiga que a categoria transexual.¹² Ainda em relação ao termo transexual, Leite Júnior (2008, p.12) destaca que:

Estudando as travestis, percebi que o discurso sobre este tema, seja o da cultura de massas, o científico ou o militante, está completamente entrelaçado ao discurso sobre as transexuais. Os limites entre uma pré-suposta ou uma recém-criada “identidade” e outra, supostamente mais conhecida, a travesti, bem como as marcas distintivas entre elas, vão do mais rígido em textos científicos ao mais intencionalmente flexível na cultura de massas, passando pela complexa miscelânea de idéias, vivências e estratégias da experiência concreta e cotidiana de tais pessoas.

Carrara e Carvalho (2013) ressaltam que o termo “travesti”, antes de tomar um sentido propriamente de identidade política, muitas vezes era (e ainda é) usado para

¹¹ Popularmente a travesti, muitas vezes, no Brasil é chamada de “t-gata”, “t-girl”, “shemale”, “boneca”, “trava” entre outras. Com uma visibilidade social cada vez maior, na década de setenta alguns programas de auditório como o Clube do Bolinha ou o Programa Sílvio Santos apresentavam travestis e artistas que dublavam e interpretavam cantoras mulheres, sendo elas conhecidas como “transformistas.”

¹² Por sua vez, o surgimento do debate público sobre transexualidade e a possibilidade de construção da categoria “transexual” como uma identidade diferente da de “travesti” parecem ser bem mais recentes, emergindo entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000 (CARARRA; CARVALHO, 2003). Larissa Pelúcio (2009) destaca que as travestis como os homossexuais foram associados a AIDS. Assim, a doença distanciou as travestis das transexuais. Foi um processo que fez com que Roberta Close, e não era algo somente dela, a recusa do termo travesti, dessa forma esse deslizamento conceitual se mostra em outro cenário como de Lea T e de Sofia Favero que hoje a primeira se vê como uma mulher transexual e a segunda como uma travesti. Sofia Favero é estudante de psicologia, travesti militante e administradora da página Travesti Reflexiva na rede social do Facebook. Lea T, transexual feminina, é o nome artístico de Leandra Medeiros Cerezo, é uma estilista e modelo brasileira que se tornou famosa na Europa e filha do ex-jogador de futebol Toninho Cerezo.

homossexuais vistos com feminilidade exagerada, geralmente, chamados de “bichas exageradas” ou “pintosas”.

Quanto ao termo transgênero, o pesquisador Bruno Cesar Barbosa (2010) afirma que a tentativa de usar a expressão “transgênero” como aglutinador de travesti (e transexual) fez com que muitas lideranças travestis vissem o referente termo cumprindo uma finalidade, que mesmo vista com uma visibilidade positiva, a eliminação do uso do termo “travesti”, considerado estigmatizante, e a abreviação do termo “transexual”, que teria um caráter medicalizante para muitas travestis. No trabalho intitulado *Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil* do antropólogo Sérgio Cararra e do doutorando Mario Carvalho, ambos do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, mostra que o termo transgênero não se popularizou em terras brasileiras como aconteceu com o termo transexual. Diferente dos países europeus e dos Estados Unidos em que o termo é usado de forma muito mais expressiva, a expressão transgênero tem encontrado restrições aqui no Brasil, principalmente, pelos movimentos sociais que travam uma espécie de luta entre os “T” – transexuais, travestis e transgêneros como relatam os autores supracitados como também Lanz (2015).

Ainda, de acordo com os pesquisadores Cararra e Carvalho (2013, p.337) mesmo que haja uma tentativa de incorporar “transgênero” na busca de propiciar uma união entre a tranvestilidade e a transexualidade, “boa parte das ativistas travestis e transexuais brasileiras não se “reconheciam” na expressão transgênero” por diversos motivos. Entre eles, os principais elencados pelo estudo seriam que as palavras “travesti” e “transexual” são expressões mais usadas e se mostravam consolidadas no Brasil, além de estarem formalmente incluídas nos espaços do movimento LGBT antes mesmo da inclusão do termo transgênero, havendo assim uma dificuldade de concebê-las como ou dentro de um mesmo “T”. Outra resistência com o termo era que muitas travestis e transexuais viam no termo “transgênero” uma influência internacional, muitas vezes com um tom de imposição que poderia esvaziar a brasilidade da travesti e da transexual. Fora isso, muitas viam que a palavra transgênero tinham uma sonoridade muito similar com outro termo que também ganhava destaque social, a

palavra transgênico, o que poderia causar confusão de significados como também levar a estigmatização, mais ainda das transexuais e das travestis. Ademais, “transgênero” seria um termo de difícil compreensão, além de que parecia invisibilizar as “verdadeiras identidades” e as diferentes subjetividades dentro das transexualidades e das travestilidades para muitas pessoas a frente de suas lideranças.

O uso mais drástico da expressão transexual do que a de transgênero como descrito por Carrara e Carvalho (2013) revela, como foi pensado e demonstrado na minha pesquisa de doutorado, as dificuldades do Brasil com as questões de gênero. Como foi descrito existe uma confusão entre gênero, sexualidade e sexo não somente pelo *senso comum*, mas também por discursos sociais como, por exemplo, parte dos médicos e outros profissionais da saúde, do jurídico e do campo religioso. Isso foi observado pela pesquisa imersiva on-line realizada, que o conceito de gênero se encontra, muitas vezes, deslegitimado nas caixas de comentários como também na retirada da sua expressão em documentos educacionais que a combatem por meio de projetos de lei chamados de proibição de ideologia de gênero nas escolas; o que demonstram como as restrições com o termo transgênero estão de certa forma ligadas a um incômodo social de aceitar gênero como algo que existe, legítimo e real.

Isso não quer dizer que exista uma legitimação social da transexual por causa do seu sufixo sexual e uma deslegitimação de transgênero pelo seu sufixo gênero, pelo contrário, como vista na pesquisa de imersão on-line, há tanto um caminho de deslegitimação da transexualidade como da transgeneridade, mesmo que essas sejam tomadas como sinônimas ou não. Mas, o que se precisa dizer é que o uso maior do termo transexual no Brasil se deve em parte pela confusão entre os conceitos de gênero, sexualidade e sexo. Uma vez como foi retratado pelos dados recolhidos pelas caixas de comentários, muitas julgam a transexualidade associada e pertencente a sexualidade, a colocando como um fetiche sexual ou tara ou ainda uma perversão ou desvio sexual. Ainda ressaltando que essa confusão entre sexualidade, sexo e gênero se dá pela falta de informação ou propositalmente como forma de combate para deslegitimar as pessoas transexuais.

É preciso neste ponto, como já destaquei sobre tais definições, que a escolha da expressão transexualidade que até mesmo compôs o título da tese realizada por mim se deve, simplesmente, porque ela, e também o termo transexual, são os mais usados no Brasil, o que não impede como posto na introdução de ampliá-las para outras transidentidades. No seu estudo intitulado *Imagining Transgender: An Ethnography of a Category* que para o português seria *Imaginando Transgêneros: uma etnografia de uma categoria* o antropólogo norte americano David Valentine (2007) chama atenção de quanto o termo transgênero foi se tornando cada vez mais popular e adotado pela mídia. Segundo Lanz (2015, p.84) que faz referência ao estudo do antropólogo Valentine (2007) afirma que “hoje em dia, nos Estados Unidos, assim como em boa parte dos continentes europeu e asiático, o termo transgênero está consagrado como de uso generalizado.” Parte do uso do termo transgênero nos Estados Unidos, principalmente a partir da década de noventa, tanto pelas instituições públicas e privadas como pelos ativistas, estudiosos e pesquisadores se deve pelo senso coletivo que a expressão tem em abrigar qualquer variação de gênero como revela a etnografia de Valentine (2007) ressaltada por Lanz (2015).

Diferente do Brasil, como vimos no texto de Carrara e Carvalho (2013), o termo transgênero teve e ainda encontra dificuldade de se estabelecer, uma vez que os termos como transexual e travesti são mais consagrados no Brasil. Em relação ao emprego e a disseminação sobre os termos transexual e transgênero um artigo jornalístico intitulado *A rápida evolução do termo 'transexual'* da jornalista Mary Schmich do *Chicago Tribune* traduzido por Anna Capovilla no *Jornal Estadão* que foi publicado no dia 23 de maio de 2016 traz questões muito interessantes e tocantes sobre a recepção da transexualidade, pontos congruentes no qual a pesquisa realizada por mim se propôs a trabalhar. Como por exemplo, a primeira vez que a palavra transexual foi usada, de como a princípio era num sentido depreciativo quando era empregada e como a expressão de estranha, aos poucos, passou a ser amplamente utilizada e mais compreendida.¹³

¹³ A reportagem está disponível no sítio eletrônico:<
<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,a-rapida-evolucao-do-termo-transexual,10000052985>>.

No ensaio, a jornalista Schmitz (2016) do *Tribune* traz a reflexão sobre o uso do termo indagando: transexual ou transgênero? Inicialmente a expressão transexual parecia mais positiva e apropriada do que a expressão transgênero, entretanto, hoje o uso delas está em debate, pois a segunda parece comportar mais com a ideia de gênero fluido e tem sido usada por vários grupos de acordo com a reportagem. Todas essas informações e problematizações foram levantadas por meio de uma pesquisa dos arquivos digitais do *Tribune Chicago* que a jornalista realizou e que ainda, cita sobre o esforço de um professor associado no Departamento de Inglês do *College of the Holy Cross* e diretor do *Digital Transgender Archive* chamado K.J. Rawson. Tal empenho do docente que é pesquisador de retórica e mídias digitais consiste no desenvolvimento de um projeto on-line como uma forma de representar, compartilhar e convidar para a colaboração da pesquisa em curso sobre a etimologia e o cenário retórico de trans + gênero. São fontes primárias midiáticas que trazem o composto específico: trans + gênero segundo o pesquisador.

No Portal *Globo.com*, como explicitado, existe um uso muito mais expressivo como apresentado nos dados levantados da pesquisa da nomenclatura “transexual” do que a de “transgênero.” Tanto que foi possível levantar mais precisamente as expressões “transgênero” e “transgeneridade” nos sites que compõe o *Globo.com* do que as de “transexual” e “transexualidade”, visto que a visibilidade cada vez maior das duas últimas expressões nos anos recentes tornou-se mais difícil de mensurar com maior exatidão da mesma forma que as outras palavras aqui levantadas. Prova disso é que, por exemplo, no site *Ego* o uso da palavra “transgênero” e “transgeneridade” ao contrário das expressões “transexual” e “transexualidade” que por aparecem muitas vezes, não foram possíveis mensura-las depois de 2011 de forma exata.

Por meio da investigação imersiva foi verificado que a novela *Força de um querer* em 2017 retomou e trouxe mais visibilidade sobre o conceito “transgênero” gerando inclusive repercussão e discussão sobre a utilização do termo pela autora do folhetim das nove da Rede Globo nos sites que compõe o Portal e a Rede Social. O grupo

Transgente se posicionou em algumas postagens sobre o uso do termo na novela, Letícia Lanz diz:

[...] Desde que soube do enredo dessa novela *A Força do Querer*, muitos meses antes de ela ir ao ar, exerci a minha crítica de modo contundente contra uma série de aspectos relacionados à redação e produção da novela como à emissora de TV responsável por ela.(...) Minha crítica também se dirigiu ao conteúdo conceitual da novela. O mundo transgênero é absolutamente desconhecido do povo brasileiro. Tudo que as pessoas comuns conhecem de pessoas trans são as travestis de rua que, noite após noite, ganham a própria sobrevivência se prostituindo perigosamente nas esquinas desse país. E se a novela se propunha a mostrar o universo trans, devia ter tido pelo menos o trabalho de usar uma nomenclatura consistente, dando “nome aos bois” de maneira correta e não aumentando ainda mais a confusão terminológica existente dentro e fora do gueto transgênero. Sem ter assistido um único capítulo da novela, tenho tido conhecimento, a cada momento, de alguns sérios deslizes terminológicos que poderiam ter sido evitados com uma pesquisa mais robusta dos redatores [...].¹⁴

Tanto Lanz (2015) como Beretti (2002) enfatizam que com a publicação do panfleto intitulado *Transgender Liberation: A Movement Whose Time Has Come*, a ativista norte-americana marxista, lésbica e transgênero Leslie Feibberg (1992) foi a responsável em usar o termo “transgênero” num sentido guarda-chuva possibilitando assim em abrigar as categorias transexuais, travestis, transgêneros, *drag queen*, *cross-dress*, incluindo intersexuais, *drag kinks*, enfim, todas aquelas consideradas fora da normatização de gênero de um jeito politicamente mais organizado. Como ressaltado por Valentine (2007), o termo “transgênero” e o termo “trans” se popularizaram nos EUA porque o uso deles ampliam além das pessoas transexuais, isso quer dizer, inclui todas as pessoas que transitam entre os gêneros masculino e feminino. Além disso, Leslie Feibberg com a obra *Transgender Warriors* publicada em 1997 ganha adeptos no uso do termo transgênero como guarda-chuva, uma inserção do conceito no universo acadêmico que foi e tem sido seguido por estudiosos e pesquisadores. Porém, o uso do termo tem significados controversos não somente pelo círculo acadêmico como será em seguida discutido.

¹⁴ Essa citação faz parte de uma das críticas e também elogios que Lanz (2017) tece sobre o uso do termo transgênero pela novela. A postagem completa que rendeu 219 curtidas, 29 comentários e 24 compartilhamentos está disponível no link: <<https://www.facebook.com/leticialanz/posts/1286144204831059>>.

A incursão da palavra “transgênero” dentro campo acadêmico, militante e de auto-definições das pessoas transexual/ travesti/ transgênero entre outras vem de certa forma ganhando mais robustez. No início dos anos dois mil, o debate teórico já chamava atenção sobre a definição de transgênero e outras definições como travesti e transexual como vimos com a supracitada Tatiana Lionço (2008). Tal discussão também é retratada por Anna Paula Vencato (2003) na sua pesquisa etnográfica de doutorado, o que se pode notar que depois mais tarde, nos anos seguintes, a preocupação conceitual foi se tornando cada vez mais uma centralidade nas produções sobre gênero.

O cuidado de tratar as diferenças conceituais sem estereotipar, mas de perceber as semelhanças e especificidades é o que se propõe a pesquisadora Vencato (2003) no artigo *Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros*. A autora não usa o termo guarda-chuva ou a expressão *umbrela term* como fazem Kass, (2013) e Lanz, (2014) para o conceito “transgênero”, entretanto, ela vê na nomenclatura um abrigo para as definições de transexuais, travesti, *drag queens* e *cross-dressers* chamando assim tais possibilidades de manifestações de fenômeno transgênero. Para Vencato (2003, p.190) essas terminologias trans, muitas vezes, são confundidas, entretanto, essas confusões são compreensíveis porque existem “traços comuns entre esses sujeitos trans”. Os equívocos nos termos não se dão apenas pelo *senso comum*, mas, muitas vezes reproduzidos pela própria mídia, como em muitas matérias do Portal analisadas. Confundir os termos torna-se aceitável não somente pelo fato dos aspectos semelhantes entre as pessoas trans como Vencato (2003) afirma, mas por serem conceitos que estão em disputas como aqui destacamos. Entretanto, a autora ressalta que as diferenças nas manifestações do fenômeno transgênero, por exemplo, das travestis, transexuais e *drag queens* são importantes para que cada uma das categorias não seja esquecida, marginalizada e justificada pelo preconceito. É necessário devido o ocultamento das diferenças e semelhanças ressaltar as peculiaridades havendo assim um cuidado para não estereotipar segundo a pesquisadora.

Na entrevista intitulada “Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento”, a entrevistada e estudiosa de gênero usa a expressão “pessoa trans*” que assim

como a de “transgênero” é usada como um termo guarda-chuva como aqui já relatada.¹⁵ Berenice Bento (2014) utiliza da expressão para fazer referência “a diversas experiências de gênero não normativas, tais como transexual, transgênero ou travesti”. Mesmo com o uso de um termo guarda chuva o entrevistador Diego Madi Dias (2014) ressalta que a socióloga tem trabalhado e contribuído para o questionamento da ideia de um sujeito transexual universal. Tal que Bento (2017, p.25) no livro *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos* afirma:

Eu não utilizo mais o termo guarda-chuva “transgênero” em meus textos (...). Ao fazer tal afirmação, não estou, de forma alguma, negando o direito individual de os sujeitos elaborarem suas identidades de gênero como “transgênero”. Como categoria analítica/política, no entanto, não me serve para pensar as diferenças e as disputas internas que se dão na luta por visibilidade e pelo direito ao reconhecimento. Tampouco são úteis para entender os sentidos que os sujeitos atribuem às suas existências generificadas.

Bento (2017) vê o uso do termo guarda chuva “transgênero” como colonizador e universalizante que apaga as diferenças, de posição divergente, a já supracitada Letícia Lanz (2015) por meio de suas postagens no *Transgente* vai denunciando os equívocos que ocorrem com o termo e mostrando a importância de conceber o termo de uma maneira mais amplificada, isso quer dizer, visto como um termo guarda chuva “que reúne debaixo de si todas as identidades gênero-divergentes, ou seja, identidades que, de alguma forma e em algum grau, descumprem, violam, ferem e/ou afrontam o dispositivo binário de gênero” (LANZ, 2015, p.24). O uso do termo transgênero e o uso dele como um guarda-chuva transgênero são uma das bandeiras que Letícia Lanz mais levantada e que o grupo luta.

Ademais, é interessante destacar que alguns gramáticos afirmam que segundo as normas gramaticais o correto é pessoa transgênero e dessa forma seria um erro flexionar o segundo elemento do composto em concordância com o primeiro, mesmo

¹⁵ O uso do asterisco na expressão pessoa trans* assinala segundo Hailey Kass (2013) um termo mais englobador e fluido que sobrepõe a qualquer classificação que possa ser excludente. De modo que a auto identidade das pessoas trans é soberana e decisória na forma de como elas desejam se identificarem.

tendo em conta o seu valor adjetivo. Apesar da palavra “transgênera” a rigor não existir na língua portuguesa, chamar as transexuais femininas ou as travestis de “transgênero” seria uma violência injustificada, seria mais que isso uma inversão de valores, manter a correção de uma norma gramatical ao custo do sofrimento alheio. Assim, opta-se em usar a expressão pessoa transgênera, uma vez que se entende como foi dito a primazia da dignidade humana sobre a gramática. Quanto a isso o grupo Transgente (2015) faz a seguinte postagem:

Onde se lê mulher "transgênero", por favor leia-se mulher transgênera. Primeiro, foi um custo introduzir o termo no Brasil (...) até hoje não aprendeu que a tradução de transgender é transgênero e não transexual). Agora a dificuldade é mostrar que transgênero é adjetivo e não substantivo - e ainda por cima "masculino" (aff...).

Em suma, o que se observa em relação à palavra “transgênero” são três pontos principais de discussões. Primeiro ponto seria se o termo “transgênero” pode ser ou não considerado uma categoria diferente de transexual e de travesti, tendo dessa maneira a sua especificidade reconhecida. Segundo ponto se transgênero pode ser considerado como sinônimo de transexual e algumas vezes de travesti, enfim serem tratadas como categorias de significados iguais. E por fim, o terceiro ponto de discussão é se a palavra “transgênero” pode ser usada como um termo guarda chuva de várias expressões como transexual, travesti, transgênero, *crossdress*, *drag queen*. Neste caso transgênero torna-se um amplo espectro para pessoas, cada uma com a sua particularidade de transitoriedade, entretanto, não sendo assim vistas como sinônimas, mas a união de diversas categorias trans. Em relação a esses três pontos sobre a palavra “transgênero” percebe-se que há dois movimentos daqueles/as que ressaltam a importância de diferenciar primando destacar as peculiaridades de cada manifestação trans e outros/as que veem que essa diferenciação traz o risco de estereotipar, enfim taxomizar e assim o conceito guarda chuva seria um melhor caminho, mas que por outro lado, invisibiliza as diferenças. Tais problematizações levam a outra questão a ser discutida no próximo tópico.

1 Rotular organiza politicamente ou limita a experiência trans?

Perceber o processo de recepção da transexualidade nas mídias digitais é entender e refletir sobre os conceitos que envolvem a experiência trans; os embates e os acordos conceituais em relação ao fenômeno transexual que se mostram presentes tanto no off-line como no on-line, uma vez que ambos são uma complementariedade um do outro. Dessa maneira, nesse tópico, pretendo continuar a partir da disputa conceitual do termo “transgênero”, não apenas restringindo ao debate da conceituação em si, mas discutir se tal conceito pode ser ou não usado como forma de organização política? Na luta política pela visibilidade e legitimação das pessoas trans? Ou se os usos de conceitos ou de termos guarda-chuvas limitam o entendimento da realidade trans? Enfim, se essa conceituação (rotulação) pode aprisionar a vivência trans?

Diante disso, pretendo apresentar o que o campo on-line analisado me mostrou e quanto a essas questões junto à luz dos/as teóricos/as aqui usados/as podem refletir sobre elas, uma vez que os meios digitais como temos visto se mostram uma ferramenta poderosa para a comunicação, participação e organização social (CASTELL, 1999). Apesar de um esforço acadêmico de trazer um debate sobre conceituar a experiência trans. Deve se disser a esta feita, o quanto é empobrecedor e incompleto conceituar algo, pois por mais intencional e aventurada seja esta jornada, jamais conseguirá a proeza conceitual a façanha de oferecer à realidade o entendimento desta em sua complexidade, exatidão e completude. As ciências, e em especial as ciências sociais vão mostrar a importância de perceber que os conceitos são recortes e ferramentas e não realidade. Assim, são próprias do ser humano, as tentativas de explicar e entender o mundo que o cerca, e sendo assim este não esquivaria desta tarefa, mesmo estando ciente de que o ato de conceituar é reduzir a elementos conhecidos. Não obstante de todas as dificuldades, assim se procede em relação à experiência trans seja como vimos pelo campo acadêmico seja pela militância e ainda pelas próprias trans e sem esquecer pelas mídias digitais.

Portanto, como observados nos cenários digitais existem dois movimentos: um daqueles/as que vê a conceituação como algo necessário, pois é um ato que representa mais força política e o outro como desnecessário, porque limitam a experiência trans.

Assim, se definir ou não vai ser semente de discussões seja off-line ou on-line. A disputa conceitual leva inevitavelmente a pensar o quanto, muitas vezes, o próprio conceito pode aprisionar a pluralidade da experiência de gênero em suas mais possíveis possibilidades tão como uma conceituação dos tipos de sexualidade. Apropriada tal como Butler (2003) da conjuntura nietziana, de que todo conceito gera unidade, Berenice Bento (2011) vê que no mundo da política, a ênfase está na identidade, entretanto, ela se torna uma ficção devido à dimensão plural encontrada no mundo vivido.¹⁶ A identidade esvazia o mundo da vida, pois não encontramos a unidade de mulher, gay, lésbica, transexual. Essas marcas identitárias são abertas e problematizadas. Há uma pluralidade interna a cada identidade e assim o conceito não dá conta da pluralidade das relações sociais. O grupo *Transgente*, principalmente, pela sua administradora, Letícia Lanz traz em seus posicionamentos sobre as identidades de gênero no grupo que:

O Movimento Transgente é um movimento inclusivo, não identitário, que se articula em torno da luta pelos direitos civis das pessoas transgêneras, quaisquer que sejam as suas identidades (travestis, transexuais, crossdressers, dragqueens, homens trans, transformistas, andróginos, não-binários, etc.)(...) A luta do Movimento Transgente é por direitos, não por identidades. Toda pessoa transgénera, é antes de mais nada, cidadã da República no pleno gozo dos seus direitos civis(...).

Letícia Lanz vê que não se rotular ou se não se definir não impede de se organizar politicamente. Essa é uma das diversas discussões que o grupo administrado por Letícia Lanz coloca o termo “trangênero” em debate. Lanz o toma como um termo guarda-chuva que segundo ela não deve se mostrar como identidade e sim inclusivo, enfim como uma estratégia. É aquilo que aproxima da filósofa Butler (2015, s.p) que nos coloca que não sendo uma identidade, *queer* é uma aliança de pessoas em vidas precárias. “Pertencer a um movimento *queer* é contestar as normalizações dominantes,

¹⁶ A filósofa *queer* retoma Nietzsche (1991) na ideia de que a obra é tudo e assim não há um artista ou um fazedor por de trás dela, tomando dessa forma gênero enquanto um tipo de imitação que não tem um original. O feminino e o masculino e suas infinitas possibilidades são que as pessoas fazem e não uma noção universal do que as pessoas são. Isso quer dizer que, gênero é obra e não artista, em outras palavras, gênero é fazer (ato) e não fazedor (ser).

restritivas e excludentes, e o próprio processo de normalização” Ao pensar sobre tais questões, Lanz (2014, p.159) vê, por exemplo, como é

Um grave problema ao se definir a identidade travesti a partir da ambiguidade do seu corpo e da sua sexualidade difusa, que resulta no conceito, amplamente aceito nos estudos acadêmicos existentes, de que a travesti ‘convive muito bem’ com sua genitália de macho e, portanto, não quer se submeter a cirurgia de transgenitalização, é justamente quando a travesti passa a explicitar esse desejo. Nessa hora, o que ela é? Ou o que passa a ser? Transexual? Nesse caso, esteve ela até agora mentindo para si mesma e para as outras pessoas? Foi precipitado ou inadequado o rótulo de travesti que lhe deram no passado (muitos dos estudos existentes afirmam que a pessoa ‘já nasce travesti’ e ‘já nasce transexual’)? Ou, como afirmam muitas transexuais, crossdressers e travestis são apenas estágios de descoberta e/ou aceitação da transexualidade?

Dessa maneira, Letícia Lanz vai me indicando algumas divergências conceituais sobre gênero como, por exemplo, na utilização da palavra “transgênero” e do seu sentido *umbrella* por ela e que tem sido descartado por Berenice Bento como elencado. Também diverge com Sofia Favero da Página *Travesti Reflexiva* que não vê problema de se definir. Em uma entrevista dada ao *Nlucon*¹⁷ e inclusive compartilhada na página *Transgente*, Sofia vê que se definir como travesti é uma forma de luta política. Sofia Favero é de uma geração de travestis (posterior ao marco de separação - aids) em que o termo “travesti” nesses dois últimos anos vem sendo apresentado como espaço de potência e de reivindicação de autoridade. Em relação ao debate sobre identidades, é preciso dizer que o grupo *Hetero/orgulho* toma constantemente as diversas manifestações da sexualidade e de gênero que estão fora da hetero-cis-normatividade como tudo viado, o que representaria para os membros o anti-hetero. Diante de tais problematizações, afinal a identidade ajuda ou atrapalha? A classificação junta ou exclui as pessoas? Para autora das postagens do grupo *Transgente*, Letícia Lanz: “*Numa sociedade justa e igualitária, as pessoas são respeitadas por ser GENTE, independentemente do rótulo identitário que carregam.*” Lanz (2015) parte da ideia que “*todo mundo nasce gente. O resto é rótulo.*” Uma vez que atento com a ideia de identidades fixas, dadas e acabadas como alerta a própria teoria *queer*, tais estabilidades identitárias são

¹⁷ É um site independente com uma página no Facebook escrito pelo jornalista Neto Lucon na defesa pela causa LGBT e direitos humanos.

uma estratégia de poder para criar uma ilusória unidade como afirma Miskolci (2009). As identidades são instáveis, múltiplas e experimentadas, sempre com algo a ser acrescentado ou retirado, é preferível entendê-las como processos identitários (AGIER, 2001) e mais estão envolvidas em uma simbiose entre o eu e o outro, o sujeito e o social.

Ao longo da pesquisa foi exposto reflexões sobre a transexualidade com a finalidade de perceber que existe uma manutenção do *status* vigente dela, principalmente, dado por um discurso médico que entre os discursos parece ser o que mais se destaca. O cerne deste controle se encontra, muitas vezes, em estabelecer o órgão genital como o definidor exclusivo da identidade de gênero, um elemento anatômico que sustentará a fala médica e que, às vezes, fará que exista a partir dele um enquadramento das pessoas em uma das identidades LGBT como, por exemplo, de que a transexual é aquela operada e a travesti aquela não operada, desconsiderando dessa forma as múltiplas dimensões do fenômeno das pessoas que rompem com o sistema binário de gênero e da matriz heterossexual. Tais biologizações do gênero, muitas vezes, serão aceitas pelos próprios membros dos movimentos LGBT para definir cada um em uma determinada letra da sigla e também em algumas vertentes do movimento feminista que por vezes excluem mulheres trans dele.

Observa-se que o viés médico, por vezes traz uma identidade fixa taxomizada da pessoa transexual, que além de estereotipá-la reforça preconceitos distanciando assim da ideia da existência de sujeitos e isso pode ser percebido também nos discursos jurídicos. Os discursos médicos e jurídicos ainda são atravessados por preconceitos. O jurídico chamou de monstro a primeira transexual que operou no Brasil.¹⁸ Observa-se que com passar do tempo, a medicina e o jurídico vão acampando cada vez mais a luta pela transexualidade, uma vez que a própria medicina oferece o seu aparato médico para a cirurgia e o jurídico a lei, entretanto, há ainda profissionais que vão ter seus

¹⁸ GLOBO. In: GI. (2018). 'Monstro, prostituta, bichinha': como a Justiça condenou a 1ª cirurgia de mudança de sexo do Brasil e sentenciou médico à prisão. Disponível em:< <https://gi.globo.com/bemestar/noticia/monstro-prostituta-bichinha-como-a-justica-condenou-a-1a-cirurgia-de-mudanca-de-sexo-do-brasil-e-sentenciou-medico-a-prisao.ghtml>> Acesso em: 28 mar.2018.

discursos providos de preconceitos mesmo que hoje a medicina e o jurídico amparem e aceitem a transexual. O religioso cristão, mesmo com o seu discurso de acolher e não excluir as pessoas, ainda vê a população trans como algo ameaçador como relatada a reportagem “Oi? Papa Francisco diz que aceitar pessoas trans fará com que todos sejam inférteis” (NLUCON, 2017,s.p).

Acerca da reflexão sobre o fazer política identitária é preciso entender que as identidades trans são elementos presentes tanto no ativismo *queer* e/ou dissidência sexual e de gênero quanto no movimento LGBT. Segundo Leandro Colling (2015) apesar das diferenças entre o movimento LGBT e o ativismo *queer* há neles muitas semelhanças, e que apesar do primeiro apostar quase puramente nas conquistas de marcos legais, políticas públicas e ter um diálogo mais direto com o Estado e o segundo ter como instrumento político para o êxito dos direitos as performances corporais, manifestações de rua, enfim as produções culturais, há possível diálogo entre eles e os mesmos não devem ser vistos como compartimentos estancados. Inclusive para o autor há uma sintonia e uma influência cada vez maior do ativismo *queer* (que se mostra mais sintonizado com a universidade seja na filosofia das diferenças seja na vertente sociológica) nos movimentos institucionalizados LGBT. E mais, de acordo com Colling (2015) existem muitas diferenças no interior do movimento LGBT institucionalizado, há pessoas e grupos no movimento mais e menos conservadoras, progressistas e normatizadas. Entre os coletivos, as diferenças estão também presentes, principalmente, porque não existe uma federação que define uma diretriz para todos. Assim as diferenças variam características políticas/partidárias, geracionais, de classe, estéticas e o esforço de pensar em políticas de dissidência sexual e de gênero dentro da cultura e realidade local (COLLING, 2015).

Pensando a partir da leitura de Colling (2015) sobre as tensões e afrouxamento entre o movimento LGBT e o ativismo *queer* percebo que primeiramente é importante destacar que nem todo gay, lésbica, transexual e travesti é militante de um movimento LGBT mais institucionalizado e/ou detém um vocabulário teórico como ativista *queer*, visto que muitos não conseguem até mesmo entender que uma transexual pode ser lésbica ou heterossexual. Por este e outros motivos como, por exemplo, “tentar forçar todas as pessoas não heterossexuais e não cisgêneras a se enquadrar em uma identidade

da sigla LGBT” (COLLING, 2015, p.160) não se mostra acolhedor como relata Letícia no grupo Transgente.¹⁹ O discurso político identitário, por vezes, trata as sexualidades e as identidades de gênero dos sujeitos como estáveis, como se houvesse homogeneização de ser na mesma proporção e intensidade, como se todos experimentassem as da mesma forma

Entretanto, a essa altura seria interessante perguntar: o compartimento de cada demanda política de gênero e sexualidade, delimitando as suas margens de pertencimento identitário, apartando cada qual em seu quadrado, não seria um enfraquecimento destas para o questionamento do dispositivo heterossexual? De acordo com Miskolci (2009) é preciso questionar o dispositivo heteronormativo que impõem a vida social como sinônimo de heterossexualidade, antes mesmo da defesa de políticas isoladas que atendam demandas homossexuais ou transexuais.

Observa-se que não é somente o discurso médico que subalternizará a fala das transexuais, outros discursos também, entre eles o próprio movimento LGBT. A comunidade LGBT por vezes discrimina comunidade T. Ou seja, o T está lá, mas é como se não estivesse. Por isso também se discute cada vez mais se o T lá deveria estar, ou se deveria ser uma categoria à parte. Afinal, identidades trans não são orientações sexuais.²⁰ O termo transgênero no sentido guarda chuva pode ser uma força política no sentido de trazer força no T da sigla LGBT, mais visibilidade e união daquelas que se identificam com a letra. Entretanto, ao mesmo tempo, há uma invisibilidade e um apagamento das possíveis expressões de T que existem e são possíveis dentro de uma ideia mais geral de T. Embora a colaboração mútua seja uma forma política contra a heteronormatividade, o público transgênero parece não ter mais tanta coisa em

¹⁹ O uso do ímpeto fixador não é exclusividade daqueles que combatem as trans, mas também uma preocupação do próprio movimento de luta. Brant (2017) na sua biografia relata que se via cobrado pelo ativismo LGBT de não usar de um nome próprio feminino (Tereza), já que era um homem trans. Logo após, a publicação do livro *Vidas Trans* em que conta um pouco da sua história, T. Brant anunciou que pediu e foi rebatizado pelos seus pais de Tarso Brant.

²⁰ A confusão que grande parte das pessoas e como foi observado nos comentários digitais fazem entre as categorias de gênero, sexualidade e sexo faz parte da justificativa para a mobilização de Letícia Lanz em trazer no repertório de sua luta o uso da expressão “transgênero”.

comum com a causa dos gays e lésbicas como tinha há décadas atrás, quando homossexualidade e transgeneridade eram tidas como uma só única coisa. Como se pode perceber, essas tentativas de definir não se restringe apenas a caixa de comentários on-line, ela está presente e em disputa como vimos pela academia e também na militância, ativismo *queer* e nos discursos médico, jurídico e religioso.

3 Considerações finais

Como foi destacado ao longo deste artigo, é relevante destacar a temporalidade dos debates sobre as categorizações, como por exemplo, a entrevista dada por Tatiana Lionço intitulada “A transexualidade não é um equívoco” realizada em 2008. Tais questões não estão resolvidas, ao contrário, como já faladas, estão em franca disputa; novos vocabulários têm cada vez mais surgido e se mostram em discussão na acadêmica, militância e pelas experiências das pessoas que se auto identificam como transexuais ou outras posições identitárias.

Destaco dessa maneira que durante a minha pesquisa quando fiz uso do termo “pessoa/as trans” estava falando, principalmente, das mulheres transexuais, travestis e homens transexuais como também de outras multiplicidades de se vivenciar os gênero que apareceram no campo de pesquisa e que revelaram uma variedade de diferentes tonalidades de experiências que não se limita aos modelos binários de masculino e feminino estabilizados, acabados e fixos.

Observa-se que a palavra transexual é a mais frequentemente usada como sinônimo de transgênero pelas mídias digitais. Algumas definições que separam transgênero de transexual estão na ideia que ambas estão em trânsito, mas que para a primeira viver em trânsito é um objetivo, enquanto para a segunda o trânsito é uma passagem para confirmar a sua auto identificação de gênero que mesmo em “transição” se mostra frequentemente inabalável. Mas se colocar o/a transgênero como aquele/a que referente a uma ampla gama de pessoas que transitoriamente ou persistentemente não se identificam com o seu sexo biológico e a/o transexual é a pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico e que busca ou buscou por uma adequação para o gênero desejado, e que na maioria dos casos envolve uma transição por meio de tratamento hormonal e cirurgia de transgenitalização.

Quando que termina o trânsito? Com a cirurgia? Mudança do nome? Reconhecimento social? Vale a pena se rotular? Organiza e dá força política? Ou esvazia a experiência plural e subjetiva de ser trans? Muitas, mesmo conseguindo vencer todas essas fases ainda serão vistas como trans, ainda que não querendo, ou ainda se desejando, pois se colocar como mulher trans ou homens trans é uma decisão de posição política, mas também de subjetividade. São questões que estão em aberto, mas talvez a resposta esteja na própria performatividade que gênero se mostra ser.

Referências

Fontes:

GLOBO. In: EGO (2008). Roberta Close afirma que é mulher, casada e feliz. Disponível em: < <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/o,,MUL314531-9798,00-ROBERTA+CLOSE+AFIRMA+QUE+E+MULHER+CASADA+E+FELIZ.html> >. Acesso em: 03/05/ 2018.

GLOBO. In: GI. (2018). 'Monstro, prostituta, bichinha': como a Justiça condenou a 1ª cirurgia de mudança de sexo do Brasil e sentenciou médico à prisão. Disponível em: < <https://gi.globo.com/bemestar/noticia/monstro-prostituta-bichinha-como-a-justica-condenou-a-1a-cirurgia-de-mudanca-de-sexo-do-brasil-e-sentenciou-medico-a-prisao.ghtml> > Acesso em: 28/03/2018.

FAVERO, Sofia. In: Travesti reflexiva. In: Facebook. Disponível em: < <https://www.facebook.com/TReflexiva?fref=ts> >. Acesso em: 10/08/ 2014.

LANZ, Leticia. In: Transgente. Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/transgente/?fref=ts> >. Acesso em: 28/08/2014.

LANZ, Leticia. Letícia Lanz: arquivo transgênero. Disponível em: < <http://leticialanz.blogspot.com/livrostrans> >. Acesso em: 18/10/2015.

NLUCON. (2017). “Oi? Papa Francisco diz que aceitar pessoas trans fará com que todos sejam inférteis” Disponível em: <https://nlucon.com/2017/10/13/oi-papa-francisco-diz-que-aceitar-pessoas-trans-fara-com-que-todos-sejam-inferteis/>. Acesso em: 13/10/ 2017.

SCHMICH, Mary. In: CHICAGO TRIBUNE (2016). A rápida evolução do termo 'transexual'. Disponível em: < <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,a-rapida-evolucao-do-termo-transexual,10000052985> >. Acesso em: 23/05/2016.

Referências bibliográficas

- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, out. 2001.
- BARBOSA, Bruno Cesar. Normas e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.
- BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice. (2014). In: DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. *Cad. Pagu* no.43 Campinas July/Dec. 2014.
- BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: Edufba, 2017.
- BENTO, Berenice. (2011). Política da diferença: feminismos e transexualidade. In: COLLING, Leandro. *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: Edufba, 2011.
- BERUTTI, Elaine Borges. Transgenders: questionando os gêneros. In: LYRA, Bernadette; GARCIA, Wilton. (Org.). *Corpo & imagem*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
- BRAGA, Adriana Andrade. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. *UNirevista (UNISINOS. Online)*, v. 1, p. 1-11, 2006.
- BRANT, T. Eterno aprendiz. In: MOIRA, Amara; ROCHA Márcia; BRANDT, T.; NERY, João W. *Vidas trans: a coragem de existir - a luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social*. Bauru: Astral Cultural, 2017.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. Judith Butler: “o queer é uma aliança de pessoas em vidas precárias”. In: AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. (2015). Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/judith-butler-o-queer-e-uma-alianca-de-pessoas-em-vidas-precarias/>>. Acesso em 10/10/ 2018.
- CARVALHO, Mario; CARRARA, Sergio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, núm. 14, agosto, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COLLING, Leandro. “Que os outros sejam o normal”: transas e tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador. Edufba, 2015.

DIAS, Diego Madi. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. Cad. Pagu no.43 Campinas July/Dec. 2014.

GUERRA, Joana Rita Vieira. A discriminação sexual com pessoas transgênero. dissertação de mestrado. Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. Instituto Politécnico de Leiria, 2017.

KAAS, Hailey. (2013). Trans* como termo guarda-chuva. Disponível em:<<https://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/>>. Acesso em: 20/04/2018.

KRASOTA, Alisson Gebrim. Uma noção de pessoa trans não-binária. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

LANZ, Letícia. O corpo da roupa - A pessoa transgênero entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero: Uma introdução aos Estudos de Gênero. Curitiba: Transgente, 2015.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias. n.21, Porto Alegre, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. (Coleção Os pensadores). Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1991.

Luiz Augusto Mugnai Vieira Junior

Cientista Social. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”-UNESP. Docente na Universidade Paranaense – UNIPAR. E-mail: gutomugnai@prof.unipar.br; gutomug@gmail.com.